

# VALORES E ESCALA DE VALORES NO IV EVANGELHO

Geraldo Morujão

## 1. INTRODUÇÃO

O século XX ficou fortemente marcado por um movimento de ideias que tentou reagir contra o racionalismo e o idealismo dominantes nos séculos anteriores, trazendo a reflexão para a esfera da vida e do pragmático. Foi assim que a «Filosofia dos Valores» surgiu como uma contrapartida que constituísse um incentivo para a acção<sup>1</sup>. Esta corrente filosófica, com variadas expressões em diversos países, veio a penetrar em todos os domínios, de um modo particular nas Ciências da Educação.

Apesar disso, ou devido a isso, já se tornou um lugar comum falar da «crise de valores» nas pessoas e na sociedade dos nossos dias<sup>2</sup>. O problema, porém, não consiste em que faltem valores, pois sem eles não haveria vida humana, uma vez que a vontade é determinada necessariamente pelo bem, e os valores são precisamente aquilo que motiva e determina a eleição da vontade, apreendido enquanto «bem», que atrai e que é «digno» (*áxios*) de apreço. O problema está em que a valorização subjectiva daquilo que aparece como digno de apreço

1. Cfr. Karol WOJTYLA, *Persona y acción* (Ed. Católica, Madrid 1980); Louis LAVELLE, *Traité des Valeurs*, t. 1-2 (Presses Universitaires de France, Paris 1951-1955); J. FRAGATA, *Filosofia dos Valores*, em «Revista Portuguesa de Filosofia», t. 2, f. 1 (Janeiro-Março, Braga 1946), 19.

2. Estamos, mais propriamente, perante uma «crise de valorizações morais». O valor caracteriza-se pela sua «polaridade»: ao «valor» opõe-se o «contravalor». A subversão dos valores propugnada por NIETZSCHE —a famosa «*Umwertung aller Werte, Wertung aller Umwertungen*»— aparece como um programa em vias de cumprimento: «*Es gibt weder Geist, noch Vernunft, noch Denken, noch Bewußtsein, noch Seele, noch Wille, noch Wahrheit: Alles sind Fiktionen*» (*Werke*, Krouer, Stuttgart 1942) II, 421.

corresponda ao que objectivamente é «bem» e «valioso»; e, por outro lado, no campo educativo, um dos problema que se põe é este: como ajudar a que o educando se oriente pelo valor real das coisas, descobrindo sabiamente uma recta hierarquia, ou escala de valores, entre aquelas coisas que livremente há-de, por si próprio, escolher.

É neste sentido que os sistemas educativos actuais visam, nos seus princípios organizativos, a reflexão sobre os valores<sup>3</sup>, um tema que está em foco a nível europeu<sup>4</sup>. Também entre os autores que abordam temas educacionais dá-se uma grande importância à educação para os valores<sup>5</sup>. Nomes bem conhecidos, como M. Mounier e Le Senne, apresentam o próprio desenvolvimento pessoal do ser humano em função da vivência dos valores<sup>6</sup>.

3. A «Lei de Bases do Sistema Educativo» aprovada em Portugal pela Assembleia da República em 24 de Julho de 1986 e promulgada em 30 de Setembro pelo Presidente da República, estabelece, no seu artº 3, b), que o Sistema Educativo se organiza de forma a «contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos...».

4. Cfr., por ex., Jean STOETZEL, *Les valeurs du temps présent: l'Europe au Carrefour* (European Value System Group 1982); UNESCO, *Planeamiento de la Educación* (Paris 1968); Adoni KAIERO-ÚRIA (coord.), *Valores y estilo de vida de nuestras sociedades en transformación* («II Jornadas de Sociología, abril de 1993») (Univ. de Deusto, Bilbao 1994).

5. À guisa de amostra, citamos apenas algumas obras: Bernabé TIerno, *Valores Humanos*, t. 1s. (Taller de Editores, S.A., Madrid 1992s.); C. CARDONA, *Ética del quehacer educativo* (Ed. Rialp, Madrid 1990); A. GALINDO GARCÍA, *Educación de los hijos en un contexto de crisis de valores*, Separata de «Familia. Revista de Ciencia y orientación familiar», ESCF 3 (Maio 1992); M.J. CANTISTA, *Los valores y el acto de valorar*, OF-214, ICE, Universidad de Navarra; AA.VV., *Sentido de la vida y valores*, em «Estudios de Deusto» 37 (1989) 15-269; R. MARÍN-IBÁÑEZ, *Valores y fines*, em A. ALTAREJOS-MASOTA (dir.), *La Filosofía de la Educación*, t. 1 (Ed. Dickinson, Barcelona 1989) 165-179; IDEM, *Axiología Educativa*, *ibid.*, 717-736 (com bibliografia abundante sobre o tema); Carmen CEMBRANOS, *Estudios y experiencia sobre Educación en valores* (Narcea, Madrid 1981); M. BARTOLOMÉ, *Educación y valores. Sobre el sentido de la acción educativa en nuestro tiempo* (Narcea, Madrid 1983); A. PÓPEZ-QUINTAS, *El conocimiento de los valores. Introducción metodológica* (Ed. Verbo Divino, Estella 1989); Fernando GONZÁLEZ-LUCINI, *Educación en los valores y diseño curricular* (Alhambra Longman, Madrid 1992); Vicente BARBERA-ALBALAT, *La enseñanza de los valores en la sociedad contemporánea* (Ed. Escuela Española, Madrid 1981); Richard L. CURWIN, *Cómo fomentar los valores individuales* (Ceac, Barcelona 1984); G. PECES-BARBA, *Los valores superiores* (Tecnos, Madrid 1986); Enrique ROJAS, *El hombre light. Una vida sin valores* (Ed. T.H., Madrid 1992) (traduzido em português); Jacinta Fátima GUTERRES, *Os valores no ensino da língua materna: análise de manuais escolares* (*Dissert., pro manuscripto*), Univ. de Aveiro, 2001.

6. Cfr. J. RODRÍGUEZ-LIZANO, *El personalismo. Sus luces y sombras*, em *El primado de la persona en la Moral contemporánea*, em *Actas do XVII Simpósio Internacional de Teología da Universidade de Navarra* (EUNSA, Pamplona 1997), 304.

Neste breve trabalho procuro detectar os valores ético-religiosos que mais se evidenciam numa leitura sincrónica do texto do IV Evangelho, visando antes de mais o objectivo da *pedagogia cristã dos valores*, sem aprofundar no campo da investigação exegético-teológica e sem a pretensão de fazer uma síntese da Ética joanina<sup>7</sup>. Procurarei também identificar aqueles valores que aparecem como valores ou bens supremos, no âmbito duma escala de valores.

## 2. VALORES ÉTICO-RELIGIOSOS NAS PERSONAGENS REFERIDAS NA NARRAÇÃO

### 2.1. João (Baptista)

No IV Evangelho a pessoa de João, sem mais, é sempre o Baptista, pois o Apóstolo do mesmo nome nunca é nomeado expressamente, em flagrante contraste com o relevo que lhe dão os Sinópticos e Actos<sup>8</sup>. A figura de João Baptista não aparece aureolada com os valores da austeridade e da penitência, como nos Sinópticos, não sendo apresentado no deserto, mas simplesmente junto ao rio Jordão, a baptizar. A sua missão não é a de anunciar a proximidade do Reinado de Deus e a necessidade da conversão<sup>9</sup>, nem sequer a de *anunciar* o Messias, mas é a de *dar testemunho* de que Jesus é o Messias<sup>10</sup>.

7. Como observa G. SEGALLA, *Introduzione all'etica biblica del Nuovo Testamento. Problemi e storia* (Ed. Queriniana, Brescia 1989), 226, nos Escritos joaninos não se encontra um complexo de indicações morais concretas tão pormenorizado como nos Sinópticos e na literatura epistolar do N.T., um facto que levou a que a «Moral joanina» não tenha sido tão estudada, embora em S. João se encontre sobretudo uma moral fundamental, «*in quanto l'agire morale dell'uomo dipende dalla risposta globale di fede a Cristo Figlio di Dio, dalla immanenza in lui e dalla decisione radicale dell'amore scambievole fino a dare la vita sul modello e con la forza che viene dalla persona stessa di Gesù*». Este Autor apresenta uma resenha de quatro monografias sobre a moral joanina: O. PRUNET, *La morale chrétienne d'après les écrits johanniques* (Paris 1957); N. LAZURE, *Les valeurs morales de la théologie johannique* (Gabalda, Paris 1965); J.M. CASABÓ, *La teologia moral en San Juan* (Fax, Madrid 1970); F. GROB, *Faire l'oeuvre de Dieu. Christologie et éthique dans l'évangile de Jean* (Presses Universitaires de France, Paris 1986).

8. Este é um dos sinais que levam a identificar o «Discípulo Amado» com o Apóstolo João. E, sendo este o próprio Evangelista, assim fica patente o *valor* da sua humildade.

9. No IV Evangelho nunca aparece a palavra μετάνοια.

10. Cfr. I. DE LA POTTERIE, *La notion johannique de témoignage*, em *Sacra Pagina II* (Paris-Gembloux 1959), 193-208. A. GARCÍA-MORENO, *El Cuarto Evangelio. Aspectos teológicos* (Ed. Eunete, Pamplona 1996), 88s., chama a atenção para a relação entre testemunho e sinal.

Queremos chamar a atenção para o valor que é este testemunho, na redacção joanina: Corresponde ao testemunho de um homem que tem um projecto de si mesmo, com toda uma vida finalizada por uma missão divina a cumprir com fidelidade<sup>11</sup>. Neste testemunho sobressai o vigor e a segurança, a clareza e sinceridade, sem deixar lugar a ambiguidades<sup>12</sup>, pois dá testemunho de algo singularmente valioso, a verdade<sup>13</sup>.

E estes valores estão aliados ao valor da humildade própria de quem se coloca no seu lugar, com sentido de justiça, reconhecendo a sua própria identidade objectiva; com efeito, mede e observa a distância relativamente a Jesus: «*O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim*»<sup>14</sup>; «*...a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias*»<sup>15</sup>.

Note-se que esta humildade com que é apresentada a testemunha é um valor positivo e não tem nada que ver com o apoucamento ou uma atitude deprimida: João é um homem de carácter e uma personalidade forte; ele aparece com a consciência de ser a voz de Deus<sup>16</sup>, e a confissão do seu nada está unida à alegria de se saber «o amigo do Esposo»: «*João declarou: “Um homem não pode tomar nada como próprio, se isso não lhe for dado do Céu. (...) O amigo do esposo, que está ao seu lado e o escuta, sente muita alegria com a voz do esposo. Pois esta é a minha alegria! E tornou-se completa!”*»<sup>17</sup>. É a humildade de quem não busca a sua glória, mas a glória de Deus, segundo a gráfica e lapidar expressão: «*Ele é que deve crescer, e eu diminuir*»<sup>18</sup>.

11. «Apareceu um homem enviado por Deus, que se chamava João. Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele» (Jo 1, 6-8). A citação dos textos joaninos é feita segundo a nossa tradução em: *Bíblia Sagrada* (Difusora Bíblica, Lisboa-Fátima 32001).

12. Note-se a insistência enfática na redacção de Jo 1, 19-20: «Este foi o testemunho de João, quando as autoridades judaicas lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: “Tu quem és?”. Então ele confessou a verdade e não a negou; afirmou: “Eu não sou o Messias”».

13. «Ele deu testemunho da verdade» (Jo 5, 33). Cristo identifica-se com a verdade (cfr. Jo 14, 6). Cfr. Jo 10, 41: «Muitos vieram ter com Ele e comentavam: “Certamente João não realizou nenhum sinal milagroso, mas tudo quanto disse deste era verdade”».

14. Jo 1, 15.30.

15. Jo 1, 27.

16. «Ele declarou: “Eu sou a voz do que grita no deserto: rectificai o caminho do Senhor (como disse o profeta Isaías)”» (Jo 1, 23).

17. Jo 3, 27.28-29.

18. Jo 3, 30.

O valor da fé sobressai na estrutura *quaiástica*, ou circular, do testemunho de João no segundo dia da primeira semana do esquema hebdomadário<sup>19</sup>. Com efeito, o testemunho que apresenta Jesus como «o cordeiro de Deus» (vv. 29 e 36) tem como centro e apogeu a confissão solene de fé: «eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus» (v. 34)<sup>20</sup>.

O elogio de João, na boca de Jesus, aparece, de alguma maneira, como a apresentação de João como um modelo e exemplo dos fiéis, a quem compete dar testemunho de Cristo, com energia: «Ele era uma lâmpada ardente e luminosa»<sup>21</sup>.

## 2.2. Os Discípulos

No chamamento dos primeiros discípulos, o Evangelista põe em evidência uma série de valores ao descrever a atitude dos primeiros que seguiram Jesus. Assim, André, «um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus» (Jo 2, 40), não interpõe qualquer reticência ou hesitação entre o ouvir o testemunho iniludível de «um Profeta e mais que um Profeta»<sup>22</sup> e o tomar a decisão de «seguir Jesus»; a par de uma disponibilidade total e generosidade, é-nos apresentado um espírito decidido, uma atitude de confiança, de entusiasmo juvenil e de critério. Por outro lado, uma tão rica experiência do «encontro» com Jesus não aparece como algo para ser fruído de modo egoísta; com efeito, na atitude de comunicar a Simão, seu irmão, a grande descoberta da sua vida —«encontrámos o Messias!»—, revela-se o valor da amizade, da confiança e do diálogo, que desemboca na comunhão de bens, como autêntico modelo de apostolado para os discípulos de Cristo: «e levou-o a Jesus». Os mesmos valores se evidenciam no rela-

19. Cfr. E. BOISMARD, *Le prologue de Saint Jean* (Cerf, Paris 1953), 136-138.

20. Cfr. Jo 20, 31. A secção —Jo 1, 19-34—, para além de deixar ver o prestígio excepcional do Baptista e a sua humildade, enquadra-se bem no ambiente de expectativa messiânica. É interessante notar como o IV Evangelho abre com o testemunho de João (o Baptista) e termina com o do Evangelista (João), ambos apontando Cristo como o Cordeiro de Deus imolado (cfr. 19, 35-36). *Cordeiro de Deus* (v. 36) é uma alusão não só ao cordeiro pascal (Ex 12, 1, 28; cfr. Jo 19, 14.36; Apoc 5, 6.12; 7, 14; 1 Cor 5, 7; 1 Pe 1, 19), símbolo da redenção, mas também ao Servo Sofredor (Is 52, 13-53, 12) que, inocente, é levado à morte, em vez dos pecadores, para expiação dos pecados; note-se que a própria palavra aramaica *talyá* significava tanto *cordeiro* como *servo*. Ele tira o pecado: o singular tem mais força, pois engloba todos os pecados com todas as suas tremendas implicações.

21. Jo 5, 35. Cfr. Jo 10, 41.

22. Cfr. Mt 11, 9; Lc 7, 26.

to da vocação de Filipe e Natanael<sup>23</sup>, com a particularidade de termos aqui um diálogo que não se encerra perante a incompreensão do interlocutor —«*de Nazaré pode vir alguma coisa boa?*»<sup>24</sup>— mas se alarga num apelo à experiência directa do bem: «*vem e verás!*»; no itinerário para o acto de fé em Jesus —«*Rabi, tu és o Filho de Deus!*»— joga um papel decisivo o valor da sinceridade e da franqueza: «*um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento*»<sup>25</sup>. Mais adiante, já quase na conclusão da primeira parte do Evangelho, o que foi chamado «Livro dos Sinais», hão-de voltar a aparecer André e Filipe a facilitar o encontro de «alguns gregos», que querem ver a Jesus<sup>26</sup>. Também é interessante notar como o encontro inicial de Filipe vem a desembocar no explicitação da fé em Jesus que constitui o próprio cerne do IV Evangelho: «*quem me vê, vê o Pai... crede-me: Eu estou no Pai e o Pai está em Mim*»<sup>27</sup>. O valor da capacidade de decisão que já foi referido, é apresentado num grau ainda mais elevado quando seguir a Jesus envolve desafiar o risco da própria vida; e então é Tomé quem anima os companheiros: «*vamos nós também, para morrermos com Ele!*»<sup>28</sup>; a par da decisão resoluta deste discípulo, sobressai o valor da fidelidade, do valor e da valentia, a par do valor da iniciativa, antes que avance a dúvida e vacilação dos colegas.

A figura de Pedro ocupa um lugar privilegiado em São João, que faz brilhar uma série de valores na sua pessoa. Se é certo que não oculta a sua fraqueza ao negar por três vezes o Mestre, num relato mais breve e discreto que o dos Sinópticos, embora carregado de intenso dramatismo<sup>29</sup>, a verdade é que na tripla afirmação de amor<sup>30</sup>

23. Jo 1, 43-51. *Natanael* deveria pertencer ao grupo dos 12 Apóstolos (cfr. 21, 2), por isso se costuma identificar com *Bartolomeu* (não nomeado em Jo), dado que nas listas dos Sinópticos sempre aparece a seguir a Filipe (cfr. Mt 10, 3; Mc 3, 18; Lc 6, 14).

24. *Ibid.*, v. 46

25. *Ibid.*, v. 47.

26. Jo 12, 20-22

27. Jo 14, 8-11.

28. Jo 11, 16.

29. Em João as negações de Pedro (Jo 18, 15-18.25-27) assumem um aspecto dramático pelo facto de se introduzir no meio delas (vv. 19-24) o interrogatório de Anás, a quem Jesus declara: «interroga os que ouvirem...» (v. 21), e sucede que é o próprio ouvinte privilegiado de Jesus quem nega, ficando patente o contraste entre a afirmação do Mestre, «*Eu sou*» (vv. 5.8) e a negação do discípulo, «*não sou*» (vv. 17.25).

30. Jo 21, 15-17. É fácil de ver na tripla confissão de amor uma reparação da sua tripla negação (18, 17.25-27), mas, na redacção do texto grego, pode ver-se também um jogo de palavras do Evangelista, que é muito expressivo, pois na 1ª e 2ª pergunta Jesus interroga Pedro com um verbo de amor mais divino, profundo e intelectual (*amas-Me? – agapás me*), ao passo que Pedro responde com um verbo de simples afei-

sobressaem os valores da humildade, da sinceridade e da confiança em Jesus: «*Senhor, Tu sabes tudo; Tu bem sabes que eu sou deveras teu amigo!*». Quando se relata a debandada geral dos discípulos por ocasião do discurso do pão do Céu, e Jesus pergunta ao Doze: «*Também vós quereis ir embora?*», aparecem uma série de valores na resposta de Pedro, que se adianta revelando sensatez e segurança, confiança absoluta, abandono e fé, quando ele próprio não podia deixar de estar sem nada compreender, como aliás todos os outros: «*A quem iremos nós, Senhor? Tu é que tens palavras de vida eterna! Por isso nós cremos e sabemos que Tu é que és o Santo de Deus*». É como se dissesse: «Aonde iríamos nós, se Te deixássemos?». A resposta de Pedro aparece como o paradigma da fé de todos os discípulos de Cristo: fora dele, a vida perde o seu sentido mais profundo e radical<sup>31</sup>. É assim que Pedro protesta que está disposto a dar a vida por Jesus<sup>32</sup> e, ao ver que iam prendê-lo, «*Pedro, que trazia uma espada, desembainhou-a e arremeteu contra um servo do sumo sacerdote cortando-lhe a orelha direita*»<sup>33</sup>, mostrando fidelidade à palavra dada e decisão para não se ficar apenas em boas intenções, só deixando de lutar sob as ordens do Mestre<sup>34</sup>. Na cena do lava-pés o assombro de Pedro põe em evidência a sua humildade, o respeito e a veneração que nutria pelo Senhor, bem como o seu amor e o desejo de sempre estar com Ele<sup>35</sup>. É este amor e decisão que o faz correr com prontidão para o túmulo na manhã da Ressurreição e, no Lago de Tiberíades, o faz nadar para Jesus<sup>36</sup>. Finalmente, anotamos outro valor com que a figura de Pedro é apresentada

ção e amizade (*eu sou teu amigo – filô se*); à 3ª vez Jesus condescende com Pedro, usando este segundo verbo, e Pedro ficou triste por se lembrar que esta mudança de Jesus se devia à imperfeição do seu amor.

31. Apraz-nos citar aqui a bela reflexão de G. CHEVROT, *Simão Pedro* (Ed. Aster, Lisboa 41965), 64: «Para um cristão que verdadeiramente conheceu Cristo, o dilema apresenta-se na forma em que Pedro o propõe: “Senhor a quem iremos?” É preciso escolher entre Jesus e o nada. Se o Evangelho é mentira, nada é verdade. Se as provas do cristianismo são falsas, nenhum facto histórico pode ser provado. Se o Evangelho não nos dá o verdadeiro sentido da vida, que fazemos cá em baixo? Quem nos pregou a partida de nos lançar no planeta?».

32. Jo 13, 37: «Eu daria a vida por Ti!».

33. Jo 18, 10.

34. Jo 18, 11.

35. Jo 13, 8-9: «Disse-Lhe Pedro: “Não! Tu nunca me hás-de lavar os pés!” Repliou-lhe Jesus: “Se Eu não te lavar, nada terás a haver comigo”. Disse-Lhe então Simão Pedro: “Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!”».

36. Jo 20, 3-4: «Pedro saiu com o outro discípulo e foram ao túmulo. Corriam os dois juntos»; Jo 21, 7: «Ao ouvir Simão Pedro que era o Senhor, apertou o saio, porque estava sem roupa, e lançou-se à água».

no IV Evangelho: a sua preocupação pela sorte dos outros; quando ele é confrontado com o seu futuro de uma morte cruel, preocupa-se com a sorte do discípulo que Jesus amava<sup>37</sup>.

Nicodemos é apresentado como um dos chefes dos judeus que sabe ler os sinais de Deus para aderir a Jesus e para se esclarecer melhor. O facto de procurar a Jesus de noite<sup>38</sup> não é fruto do medo ou da cobardia, mas sim da prudência e da discreção, pois à hora da verdade ele dá o corpo ao manifesto e sai em defesa de Jesus perante as outras autoridades, mostrando fortaleza para não ir na onda e também sentido de justiça e de rectidão no julgar, que exige ouvir o acusado antes de o condenar: «*Porventura permite a nossa Lei julgar um homem, sem antes o ouvir e sem averiguar o que ele anda a fazer?*»<sup>39</sup>. Com semelhante fortaleza é apresentado outro notável discípulo de Jesus, José da Arimateia, que se atreve a pedir a Pilatos o corpo do Crucificado para o sepultar<sup>40</sup>. Também a generosidade magnânima e liberalidade de Nicodemos é posta ao evidência, quando o Evangelista diz que ele «*apareceu também trazendo uma mistura de perto de cem libras de mirra e aloés*»<sup>41</sup>, 32, 7 quilos, uma quantidade deveras notável.

### 2.3. A Mãe de Jesus e as Santas Mulheres

Chama a atenção a forma discreta e cheia de confiança maternal com que Maria expõe ao Filho a difícil situação em que aparecem os noivos das bodas de Caná: «*Não têm vinho*»<sup>42</sup>. Os exegetas, em geral, não entendem estas palavras de Maria como o pedido formal de um milagre<sup>43</sup>, mas, de qualquer modo, esta expressão revela valores dignos de menção: a finura de alma de Maria, uma grande atenção aos pormenores para que tudo corra bem e uma especial solicitude pelos problemas e necessidades em que as pessoas se encontram<sup>44</sup>. Por outro lado, no «bom conselho» da Mãe de Jesus dado aos serventes

37. Jo 21, 18-22; «Senhor, e que vai ser deste?» (v. 21).

38. Jo 3, 1-2.

39. Jo 7, 50-51.

40. Jo 19, 38.

41. Jo 19, 38.

42. Jo 2, 3.

43. Cfr. A. GARCÍA-MORENO, *El Evangelio según Juan. Introducción y exégesis* (Bajoz-Pamplona 1996), 332.

44. Cfr. JOÃO PAULO II, *Enc. Redemptoris Mater*, 25-III-1987, nº 20.



—*«fazei o que Ele vos disser!»*— parece que o Evangelista quer insinuar aos seus leitores e aos cristãos em geral um programa de vida assente no valor que é ouvir a Jesus e cumprir a vontade de Deus.

A presença da Mãe de Jesus com as Santas Mulheres<sup>45</sup>, junto à cruz, mostra intrepidez sobretudo da parte da Mãe, o seu amor e desvelo maternal que não abandona o Filho, quando este é rejeitado e sujeito ao mais infame dos suplícios; por outro lado, as Santas Mulheres aparecem como o protótipo da fidelidade, da fortaleza e da audácia de ir até ao fim no seguimento de Jesus<sup>46</sup>. O IV Evangelho apresenta Maria Madalena, apenas esta mulher, a ir ao sepulcro, *«logo de manhã, ainda escuro»*, chamando a atenção a sua diligência, dita por um profundo amor, e o seu cuidado de ir *«a correr»* avisar Pedro, para de novo voltar à procura do corpo do Senhor, que lhe aparece em primeiro lugar e a encarrega de anunciar a Ressurreição aos discípulos, sublinhando-se o cumprimento desta missão: *«Foi Maria Madalena e anunciou aos discípulos: “Vi o Senhor!”»*<sup>47</sup>. O valor da amizade e da confiança em Jesus também é sublinhado pelo Evangelista quando fala de outras duas mulheres, Marta e Maria<sup>48</sup>, as irmãs de Lázaro; repare-se na delicadeza do pedido cheio de amor e confiança: *«Então as irmãs enviaram a Jesus este recado: “Senhor, aquele que amas está doente”»*<sup>49</sup>, e na maneira como uma e outra desabafam com Jesus: *«Senhor, se cá tivesses estado, o meu irmão não tinha morrido»*<sup>50</sup>.

45. Jo 19, 25: «Estavam de pé, junto à cruz de Jesus, sua Mãe e a irmã da sua Mãe, Maria, a mulher de Cléofas, e Maria Madalena», ao todo 4 mulheres, ou apenas 3, se Maria é a mulher de Cléofas. Mt 27, 55-56 fala de que «estavam ali, a observar de longe, muitas mulheres que tinham seguido Jesus desde a Galileia e o serviam; entre elas, estavam Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu». A. GARCÍA-MORENO, *El Evangelio según San Juan, o.c.*, 409, recolhe as razões pelas quais prefere que se considerem 4 mulheres. Este mesmo Autor valoriza a referência à presença das mulheres junto à cruz, a partir do uso da preposição grega *pará*: *«No sólo están físicamente sino en cierto modo participan en el misterio del Crucificado. No sólo ven y contemplan aquello como espectadores pasivos —esto parece ser la perspectiva de Mt y Mc que dicen “mirando”— sino que de algún modo actúan tomando parte activa en el drama del Calvario»*.

46. Cfr. J. ESCRIVÁ, *Caminho*, 982: «Mais forte a mulher do que o homem, e mais fiel na hora da dor. —Maria de Magdala, e Maria Cleófas, e Salomé! Com um grupo de mulheres valentes, como essas, bem unidas à Virgem Dolorosa, que apostolado não se faria no mundo!».

47. Jo 20, 1-2.11-18.

48. Mais provavelmente esta Maria de Betânia é distinta da Maria de Magdala: cfr. G. MORUJÃO, *Maria Magdalena, Santa*, em «Grande Enciclopedia Rialp», t. 15 (Ed. Rialp, Madrid 1972) (7ª ed. revista em 1993), 117-118.

49. Jo 11, 3.

50. Jo 11, 21.32.

### 3. VALORES ÉTICO-RELIGIOSOS NAS PALAVRAS E GESTOS DE JESUS

#### 3.1. *Os valores da verdade, da liberdade e da justiça*

O tema da verdade é central no IV Evangelho<sup>51</sup>. Não vamos aqui fazer sequer uma síntese dele, mas simplesmente aludir rapidamente àqueles textos em que se evidencia a verdade e a sinceridade como um valor nas palavras e gestos de Jesus. As próprias declarações de Jesus aparecem frequentemente sublinhadas pelo apelo à verdade, através da fórmula repetida<sup>52</sup>: «*em verdade, em verdade*», uma expressão que veio a ser classificada como «uma inovação linguística levada a cabo por Jesus»<sup>53</sup>. Os apelos de Jesus para a verdade são constantes, ao longo de todo o IV Evangelho<sup>54</sup>, indo ao ponto de anunciar um novo culto —«*em espírito e verdade*»— que transcende os acanhados limites espaço-temporais do Templo<sup>55</sup>. Ele louva a sinceridade de Natanael<sup>56</sup> e da Samaritana<sup>57</sup>. Apresenta-se aos seus discípulos, não apenas como quem diz a verdade, mas como sendo Ele mesmo a própria Verdade —«*Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida*»<sup>58</sup>—; e, no tribunal de Pilatos, declara: «*Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade; todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz*»<sup>59</sup>. Jesus aparece com a plena consciência do valor da verdade que Ele é para o mundo: «*Eu sou a luz do mundo. Quem Me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida*»<sup>60</sup>. Também o

51. Cfr. I. DE LA POTTERIE, *La vérité dans S. Jean* (PIB, Roma 1977).

52. A fórmula é sempre repetida em S. João, aparecendo 24 vezes (1, 51; 3, 5.11; 5, 19.24.25; 6, 26.32.47.53; 8, 34.51.58; 10, 1.7; 12, 24; 13, 16.20.21.38; 14, 12; 16, 20.23; 21, 18). Nos Sinópticos nunca se repete (30 vezes em Mt, 13 em Mc e apenas 6 em Lc).

53. J. JEREMIAS, *Teología del Nuevo Testamento*, t. 1, *La predicación de Jesús* (Sígueme, Salamanca 1980), 51.

54. Cfr. Jo 3, 21.33; 4, 23-24; 5, 33; 7, 18.28; 8, 16-18.26.32.40.44-45; 10, 41; 17, 17.19

55. Jo 4, 23-24.

56. Jo 1, 47: «Jesus viu Natanael que lhe vinha ao encontro e disse dele: “Aí vem um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento”».

57. Jo 4, 18: «Nisto falaste verdade».

58. Jo 14, 6. O Evangelista sublinha, logo à partida, no prólogo, que Jesus é a Verdade: Jo 1, 9.14.17. O próprio Evangelista sabe que diz a verdade e dá testemunho da verdade: Jo 19, 35; 21, 24.

59. Jo 18, 37.

60. Jo 8, 12. «Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo» (Jo 9, 5). «Por um pouco de tempo ainda, a Luz está no meio de vós. Caminhai enquanto tendes a Luz (...). Enquanto tendes a Luz, crede na Luz, para vos tornardes filhos da Luz». «Eu, a Luz, vim ao mundo, para que todo o que crê em Mim não fique nas trevas» (Jo 12, 35.36.46).

Espírito Santo, que Jesus promete enviar aos seus, é «*o Espírito da Verdade*»<sup>61</sup>.

É tal a força da verdade —Jesus e a sua palavra—, que provoca uma dramática crise existencial, um dilema inevitável e urgente posto em relevo pela redacção joanina ao longo do Evangelho: «*Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no Filho Unigénito de Deus. E a condenação está nisto: a Luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à Luz, porque as suas obras eram más*»<sup>62</sup>. Nos capítulos 7 a 10 a tensão entre a fé e a incredulidade atinge o auge<sup>63</sup>, sendo impressionante a imagem que S. João nos dá da rica personalidade de Jesus a lutar em defesa da verdade, com toda a firmeza e energia e com a força da convicção de quem tem perfeita consciência da sua origem, da sua missão e do seu fim: «*Vós pretendeis matar-me, a Mim, um homem que vos comunicou a verdade que recebi de Deus... Não acreditais em Mim, porque vos digo a verdade*»<sup>64</sup>.

É interessante notar como a defesa intransigente da verdade se concilia no IV Evangelho com o amor misericordioso de Jesus, com a tolerância e o perdão. Aos seus opositores declara: «*Não penseis que Eu vos vou acusar diante do Pai*»<sup>65</sup>; «*Se alguém ouve as minhas palavras e não as cumpre, não sou Eu que o julgo, já que não vim para condenar o mundo, mas sim para salvar o mundo*»<sup>66</sup>. A sua atitude é a de abertura a todos, de não exclusão de ninguém que a Ele recorra, à procura de luz, de sentido, de verdade: «*Se alguém tem sede, venha a Mim; e quem crê em Mim que sacie a sua sede*»<sup>67</sup>; «*Quem vier a Mim, Eu não o rejeitarei*»<sup>68</sup>. No episódio da mulher adúltera ficou plasmado como se concilia em Jesus a intransigência com o pecado e a condescendência e a misericórdia para com a pessoa do pecador: «*Eu não te condeno. Vai de agora em diante não tornes a pecar*»<sup>69</sup>. E esta sua condescendência

61. Jo 14, 17; 15, 26; 16, 13.

62. Jo 3, 18-19.

63. É a incredulidade de todos os tempos —a das autoridades da época, a dos fins do século I e a dos que se seguiram até aos nossos dias— a levantar-se contra a fé em Jesus.

64. Jo 8, 40.45.

65. Jo 5, 45.

66. Jo 12, 47.

67. Jo 7, 38.

68. Jo 6, 37.

69. Jo 8, 11. A condescendência de Jesus também se revela na unção de Betânia: «*Deixa que ela o tenha gurdado para o dia da minha sepultura*» (Jo 12, 7).

aparece aliada a um vivo sentido de justiça: «*Não julgueis pelas aparências, julgai com um juízo recto*»<sup>70</sup>; «*Vós julgais segundo critérios humanos; Eu não julgo ninguém. Mas, mesmo que Eu julgue, é verdadeiro o meu julgamento, porque não estou só, mas Eu e o Pai que Me enviou*»<sup>71</sup>. E, ao mesmo tempo, Jesus acusa sensibilidade à monstruosa injustiça que contra Ele se comete, mas mantendo sempre uma dignidade inalterável quer nas palavras, quer no silêncio com que reage<sup>72</sup>.

Por outro lado, as palavras de Jesus em São João deixam ver como o valor da liberdade está ligado à verdade: «*Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres*». (...) «*Pois bem, se o Filho vos libertar, sereis realmente livres*»<sup>73</sup>. Esta formulação de que é na verdade que se chega à liberdade é considerada como «uma daquelas magníficas formulações joaninas que ainda nada perderam do seu esplendor refulgente»<sup>74</sup>. Também se deve ter presente que o conceito bíblico de verdade anda intimamente unido ao de fidelidade<sup>75</sup>, por isso encontramos aqui perante mais um valor de primeira grandeza.

Na oração sacerdotal, que culmina o «discurso do adeus», Jesus suplica para os seus uma pertença ao Pai (santificação ou consagração), que se há-de realizar «pela verdade»: «*Faz que eles sejam totalmente teus, pela verdade; a verdade é a tua palavra. (...) E por eles Me entrego todo Eu, para que também eles fiquem a ser totalmente teus, pela verdade*»<sup>76</sup>.

70. Jo 7, 24.

71. Jo 8, 15-16.

72. Jo 18, 22-23: «Um dos guardas ali presente deu-lhe uma bofetada, dizendo: “É assim que respondes ao Sumo Sacerdote?” Jesus replicou: “Se falei mal, mostra onde está o mal; mas, se falei bem, por que é que Me bates?”»; Jo 8, 40: «Agora, porém, vós pretendeis matar-Me, a Mim, um homem que vos comunicou a verdade que recebi de Deus». Jo 19, 9: (Pilatos) «perguntou a Jesus: “Donde és Tu?” Mas Jesus não lhe deu resposta».

73. Jo 8, 31-36. Aqui a discussão atinge o auge em torno à figura do pai Abraão. Não bastam as seguranças humanas como a de ser da *descendência de Abraão* (cfr. Mt 3, 9), pois, para se ser livre, é preciso deixar de ser *escravo do pecado* e só Cristo, a *Verdade*, pode *libertar* dessa situação sem saída.

74. R. SCHNACKENBURG, *El mensaje moral del Nuevo Testamento* (Herder, Barcelona 1991), 260. Ver, a propósito, o interessante estudo que é uma bela síntese do nexo entre verdade e liberdade em S. João, em: A. GARCÍA-MORENO, *El Evangelio según San Juan. Introducción y Exégesis* (Badajóz-Pamplona 1996), 255-275.

75. Cfr. A. GARCÍA-MORENO, *ibid.*, 270-273.

76. Jo 17, 17.19.

### 3.2. Os valores do amor e da obediência à vontade do Pai

O amor está no coração da boa-nova de Cristo e muito em especial do IV Evangelho e é um tema que tem merecido particular atenção aos estudiosos<sup>77</sup>. O amor mútuo do Pai e do Filho<sup>78</sup> é a referência e o diapasão para o amor dos discípulos de Jesus: «*Eu dei-lhes a conhecer quem Tu és e continuarei a dar-Te a conhecer, a fim de que o amor que Me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também*»<sup>79</sup>. O amor em Deus é um amor universal —«ao mundo»—, que leva à máxima doação, que jamais alguém poderia ter sonhado, se não fosse verdade: «*Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito*»<sup>80</sup>. O amor infinito de Deus à humanidade torna-se visível nas palavras e nos gestos de Jesus, a ponto de o Evangelista exclamar: «*Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo*»<sup>81</sup>, um extremo que implica a morte na Cruz: «*Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos*»<sup>82</sup>. Com efeito, Jesus é o bom Pastor que, com plena liberdade, dá a vida pelas suas ovelhas, com um amor de doação, de entrega total<sup>83</sup>, que se exprime de um modo absolutamente original no mistério da Eucaristia: «*Eu sou o pão vivo, o que desceu do céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do*

77. Ver, só como exemplo, C. SPICQ, *Agapé dans le Nouveau Testament. Analyse des textes*, t. 1-3 (Gabalda, Paris 1959); D. MUÑOZ-LEÓN, *La novedad del mandamiento del amor en los escritos de San Juan. Intentos modernos de solución*, in: *XXIX Semana Bíblica Española* (CSIC, Madrid 1971), 193-231; A. GARCÍA-MORENO, *El Evangelio según San Juan, o.c.*, 219-255.

78. Cfr. Jo 3, 35; 5, 20; 10, 17; 14, 31; 15, 9-10; 17, 21-24.26.

79. Jo 17, 26.

80. Jo 3, 16. A expressão que realçamos —«ao mundo»— relativiza a opinião de alguns que pensam que o amor nos escritos joaninos visa apenas o amor dentro da comunidade dos discípulos, entendendo esta à maneira de um grupo fechado, como o dos essénios.

81. Jo 13, 1.

82. Jo 15, 13.

83. Jo 10, 11.15.17-18: «É por isto que meu Pai Me tem amor: por Eu oferecer a minha vida e por haver de retomá-la. Ninguém ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente. Tenho poder de a oferecer e também o poder de a retomar. Tal é o encargo que recebi de meu Pai» (vv. 17-18). Este amor de doação é o amor que Jesus propõe como pauta para o amor dos seus discípulos: «que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei» (13, 34; 15, 12.17); por isso, «Quem se ama a si mesmo, perde-se; quem se despreza a si mesmo neste mundo, assegura para si a vida eterna. Se alguém Me serve, que Me siga, e onde Eu estiver, aí estará também o meu servo» (12, 25-26).

Jo 10, 27-28: «As minhas ovelhas escutam a minha voz; Eu conheço-as e elas seguem-Me. Dou-lhes a vida eterna...».

*...mundo...»<sup>84</sup>. A oração sacerdotal é vista por alguns estudiosos como o ofertório do sacrifício da Cruz<sup>85</sup>, a tal ponto que no centro, o eixo da sua estrutura literária quiástica ou circular, se pode ver o valor do dom e da entrega total de Jesus: «*pro eis sanctifico meipsum*»<sup>86</sup>. Nesta linha da verdade e do amor, situa-se o valor da unidade —a perfeição da unidade, *consummati in unum*— que Jesus quer para os seus<sup>87</sup>.*

É no âmbito deste amor de Jesus que se enquadra e que se compreende o amor que Jesus deixa como testamento aos seus, segundo a expressão com que termina a oração sacerdotal: «*Eu dei-lhes a conhecer quem Tu és e continuarei a dar-Te a conhecer, a fim de que o amor que Me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também*»<sup>88</sup>. A lei do amor, a grande novidade e o grande valor evangélico, tem a sua expressão mais rica nas palavras de Jesus em S. João<sup>89</sup>.

84. Jo 6, 51.

85. Cfr. Jo 17, 19: «Por eles totalmente Me entrego».

86. Jo 17, 17-19: «Faz que eles sejam totalmente teus, pela verdade; a verdade é a tua palavra. (...) E por eles Me entrego todo Eu, para que também eles fiquem a ser totalmente teus, pela verdade». Cfr. G. SEGALLA, *La preghiera di Gesù al Padre (Giov 17)* (Paideia, Brescia 1983), 17-32; G. MORUJÃO, *Relações Pai-Filho em S. João. Subsídios para a Teologia Trinitária a partir do estudo de sintagmas verbais gregos (Jo 5 e 17)* (ISPV, Viseu 1989), 133-139.

87. Jo 17, 11.21-23: «Pai santo, guarda-os em Ti (...), para serem um só, como Nós somos; para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti; para que assim eles estejam em Nós; a fim de que o mundo creia que Tu Me enviaste. Eu dei-lhes a glória que Tu Me deste, de modo que sejam um, como nós somos Um. Eu neles e Tu em Mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu Me enviaste e que os amaste a eles como a Mim».

88. Jo 17, 26. A 1ª Epístola de João acentua e aprofunda esta mesma relação: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama, não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor. E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima que expiação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros. (...) Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele» (1 Jo 4, 7-11.16b).

89. Cfr. Jo 13, 34-35; 15, 9.12.17: «Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: tendo amor uns aos outros. (...) Assim como o Pai Me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permaneci no meu amor. (...) É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. (...) É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros». Muito se tem discutido sobre a universalidade do amor em S. João, havendo mesmo autores como R. E. BROWN

Quero chamar a atenção para o modo como S. João nos apresenta o amor com que Jesus ama. É um amor que não fica apenas numa dimensão divina, espiritual e transcendente, a *agápê*, pois deixa bem patente o valor humano da amizade, a *filía*, que há no coração de Cristo. O Evangelista sublinha a amizade que Jesus mantinha com os três irmãos de Betânia, ao ponto de se comover e de chorar por ocasião da morte do seu amigo Lázaro<sup>90</sup>. Aos discípulos trata-os por «*amigos*»<sup>91</sup> e, na hora da despedida, pelo carinhoso diminutivo «*filhinhos*»<sup>92</sup>, evidenciando-se o valor da ternura no amor de Jesus. E, ao aproximar-se a traição de Judas, Jesus fica perturbado<sup>93</sup>, ficando patente o valor do sentimento.

Por outro lado, o Evangelista deixa ver como o amor de Jesus e o amor que Ele espera dos seus não é um amor de puro sentimento, mas expresso em obras de amor, de amorosa obediência: «*Quem recebe os meus mandamentos e os observa esse é que Me tem amor*» (...). «*Se alguém Me tem amor, há-de guardar a minha palavra, e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada*». (...) «*Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, assim como Eu, que tenho guardado os mandamentos do meu Pai*»<sup>94</sup>.

Com isto estamos a tocar um valor que S. João acentua de um modo muito particular: a obediência de Jesus para fazer a vontade do Pai. Este é o seu verdadeiro alimento<sup>95</sup>; Jesus nada pode fazer por si

que consideram que em S. João o amor de que se fala se limita ao amor dentro da própria comunidade, à maneira dos gnósticos. Mas não consta que João restrinja a caridade; como diz A. GARCÍA-MORENO, *El Evangelio según San Juan, o.c.*, 248, «na realidade não se trata de uma limitação, mas de um aprofundamento. Ao falar dos irmãos, está a dar-se à caridade uma dimensão entranhável e familiar».

90. Jo 11, 5.33.35.38: «Jesus era muito amigo de Marta, da sua irmã e de Lázaro. (...) Ao vê-la a chorar e os judeus que a acompanhavam a chorar também, Jesus ofegou com um suspiro e comoveu-se. Depois perguntou: “Onde o pusestes?” Responderam-lhe: “Senhor, vem e verás”. Então Jesus começou a chorar. Diziam os judeus: “Vede como era seu amigo!” (...) Jesus, de novo ofegando intimamente, foi até ao túmulo».

91. Jo 15, 15.

92. Jo 13, 33: «Filhinhos, já pouco tempo vou estar convosco».

93. Jo 13, 21: «Jesus perturbou-se vivamente e exclamou: “Em verdade, em verdade vos digo que um de vós Me há-de entregar!”».

94. Jo 14, 21.23; 15, 10.

95. Jo 4, 31-34: «Entretanto, os discípulos insistiam com Ele, dizendo: “Rabi, come”. Mas Ele disse-lhes: “Para comer, Eu tenho um alimento que vós não sabeis”. Então os discípulos começaram a dizer entre si: “Será que alguém lhe trouxe de comer?” Declarou-lhes Jesus: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que Me enviou e consumir a sua obra”».

mesmo, pois está numa radical dependência do Pai<sup>96</sup>, por isso é clara a afirmação: «*Desci do Céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que Me enviou*» e «*faço sempre aquilo que Lhe agrada*» (...) «*observo a sua palavra*»<sup>97</sup>. E, concretamente, a doutrina que ensina não é da sua lavra, pois comunica o que viu junto do Pai, num perfeito cumprimento do seu mandato<sup>98</sup>. Fazer a vontade do Pai não aparece como um ideal idilista, pois é bem sublinhado quanto custa a Jesus cumpri-la: «*Agora a minha alma está perturbada. E que hei-de Eu dizer? Pai, livra-Me desta hora? Mas precisamente para esta hora é que Eu vim!*»<sup>99</sup>; e justamente nesta hora da verdade, a sua «hora», Jesus mostra intrepidez e denodo na decisão inabalável de esgotar o cálice da amargura que consiste em fazer a vontade do Pai à custa do máximo sofrimento: «*Não hei-de beber o cálice de amargura que o Pai Me ofereceu?*»<sup>100</sup>. O cumprimento da vontade do Pai é um cumprimento plenamente acabado: vai até ao *consummatum est*<sup>101</sup>, no pleno cumprimento das Escrituras; é o perfeito cumprimento da obra que o Pai Lhe confiara: «*Eu manifestei a tua glória na Terra, levando a cabo a obra que Me deste a realizar*»<sup>102</sup>.

96. Jo 5, 19.30: «Em verdade, em verdade vos digo: o Filho, por Si mesmo, não pode fazer nada. (...) Por Mim mesmo, Eu não posso fazer nada; conforme ouço, assim é que julgo; e o meu julgamento é justo, porque não busco a minha vontade, mas a daquele que Me enviou».

97. Jo 6, 38; 8, 29.55.

98. Jo 7, 16.18: «A minha doutrina não é minha (...), mas daquele que Me enviou. Quem fala por sua conta procura a sua glória pessoal, mas quem procura a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro e nele não há impostura»; Jo 8, 27-28: «Nada faço por Mim mesmo, mas falo destas coisas tal como o Pai Me ensinou»; Jo 8, 28.38: «Quando tiverdes erguido ao alto o Filho do Homem, então ficareis a saber o que Eu sou o que sou e que nada faço por Mim mesmo, mas falo destas coisas tal como o Pai Me ensinou. (...) Eu comunico o que vi junto do Pai»; Jo 12, 49-50: «Porque Eu não falei por Mim mesmo, mas o Pai, que Me enviou, é que Me encarregou do que devo dizer e anunciar. E Eu bem sei que este seu mandato traz consigo a vida eterna, por isso, as coisas que Eu anuncio, anuncio-as tal como o Pai as disse a Mim».

99. Jo 12, 27. A «hora» de Jesus em S. João é a hora de manifestar a sua glória na entrega da sua vida na Cruz para dar a vida aos homens, quando entregou o espírito (cfr. Jo 19, 30). Cfr. D. MUÑOZ LEÓN, *Predicación del Evangelio de San Juan* (Edice, Madrid 1988), 261-262; G. FERRARO, *L'«ora» di Cristo nel quarto vangelo* (Herder, Roma 1974).

100. Jo 18, 11.

101. Jo 19, 28.30: «Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: “Tenho sede!” (...) Quando tomou o vinagre, disse Jesus: “Tudo está consumado”».

102. Jo 17, 3.



### 3.3. Os valores da felicidade, da paz e da alegria

Em S. João, Jesus não propõe expressamente um código de felicidade, à maneira das Bem-aventuranças de Lucas e Mateus, mas não faltam *macarismos*, umas pistas explícitas para que os seus discípulos atinjam a grande meta da felicidade: «*Entendendo isto, sereis felizes, desde que o punhais em prática*»; e «*felizes os que crêem sem terem visto*!»<sup>103</sup>.

A felicidade é inseparável da paz e da alegria, uns bens, ou valores apetecíveis, que Jesus quer para os seus. Deixa-lhes a paz como herança, um bem que as tribulações não podem arrebatam nem perturbar<sup>104</sup>. A paz aparece como o grande dom da Páscoa de Jesus, com efeito, só depois de ressuscitado é que Ele aparece a dar a paz aos seus, por três vezes<sup>105</sup>; e isto deixa entrever que não se trata simplesmente da saudação corrente entre o judeus, uma saudação que Jesus teria usado com frequência, mas sem nunca ser registada nos relatos evangélicos. O Ressuscitado não recrimina o abandono, a negação e a traição dos seus, mas aparece a dar-lhes a paz, mostrando singular condescendência com a incredulidade de Tomé<sup>106</sup>. Por outro lado, Jesus garante para os discípulos a alegria perfeita: «*...esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa*»<sup>107</sup>.

### 3.4. Valores no chamamento dos primeiros discípulos

Em contraste com os Sinópticos<sup>108</sup>, que apresentam os primeiros discípulos noutra contexto, a saber, o do chamamento, João<sup>109</sup> li-

103. Jo 13, 17; 20, 29.

104. Jo 14, 1.27: «Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus; crede também em Mim. (...) Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz». Jo 16, 33: «Anunciei-vos estas coisas para que, em Mim, tenhais a paz. No mundo, tereis tribulações, mas tende confiança! Eu já venci o mundo!»

105. «Veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: “A paz seja convosco!”» (Jo 20, 19.21.26).

106. Jo 20, 24-28.

107. Jo 15, 11; e em Jo 16, 20-22.24 temos: «Em verdade, em verdade vos digo: hoje de chorar e lamentar-vos (...), mas a vossa tristeza converter-se-á em alegria! A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza (...). Também vós vos sentis agora tristes, mas Eu hei-de ver-vos de novo! Então o vosso coração há-de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria (...). ...Pedi e recebereis; assim, a vossa alegria será completa».

108. Cfr. Mt 4, 18-22; Mc 1, 16-20; Lc 5, 1-11.

109. Jo 1, 35-51.

mita-se a relatar um primeiro encontro, cheio de vivacidade e encanto, um encontro em que brilham os valores da naturalidade — parece um encontro meramente casual —, os valores do convite ao seguimento dum ideal, duma proposta de vocação a seguir, em que se antevê aquilo que é ser discípulo de Jesus — «*segue-me!*»<sup>110</sup> —, os valores do despertar a confiança e o «entusiasmo juvenil»<sup>111</sup> naqueles a quem é feita a proposta, bem como o valor de saber abrir horizontes ante os seus olhos, criando uma expectativa feliz: «*Vinde e vereis!*», «*Hás-de chamar-te Cefas!*», «*Hás-de ver coisas maiores!*», «*Vereis o Céu aberto e os anjos de Deus...*»<sup>112</sup>.

### 3.5. Outros valores nas palavras e gestos de Jesus

Finalmente, uma referência à *vol d'oiseau* a mais alguns valores que se depreendem da leitura do texto joanino. No episódio da purificação do Templo sobressai, por um lado, o zelo de Jesus pela Casa do Pai<sup>113</sup> e, por outro, o valor da pedagogia dos gestos, aparecendo Jesus a actuar à maneira dos antigos profetas, recorrendo a uma acção simbólica. Com ela põe em evidência a sua autoridade, que é superior à humana, e também manifesta a sua condição de Messias e de novo e definitivo lugar de culto; esta acção vai provocar uma natural reacção das autoridades<sup>114</sup>.

No episódio da samaritana, é de notar a simplicidade com que Jesus aparece, pedagogicamente, descendo ao nível da pessoa a quem se dirige, desfazendo barreiras de ódios ancestrais, de raça e de religião<sup>115</sup>, sentado «*sem mais*» na borda do poço e pedindo um favor — «*dá-me de*

110. Jo 1, 43. Cfr. Jo 21, 19.

111. O *entusiasmo juvenil* é um valor que João Paulo II descobre na juventude e do qual toma partido para o anúncio da Boa-nova. Cfr. JOÃO PAULO II, *O Papa fala aos jovens* (SDÉC's, Aveiro-Coimbra-Guarda-Viseu 1985), 13.

112. Jo 1, 39.42.50.51.

113. Jo 2, 16-17

114. Jo 2, 18-22. Que se trata de uma acção simbólica evidencia-se pelo facto de que era perfeitamente legítima, no recinto exterior do Templo, a venda de animais para os sacrifícios e o câmbio de divisas para a moeda do santuário.

115. Cfr. Jo 4, 9: «Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?» É que os judeus não se dão bem com os samaritanos». Também era absolutamente impróprio de um judeu deter-se na rua a conversar com uma mulher, daí a estranheza dos discípulos (v. 27); cfr. H. L. STRACK-P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, t. 2 (Beck. Verlag, München 1965), 438.

*beber*—, quando era Ele quem mais tinha para dar<sup>116</sup>. A moderação, a temperança e a austeridade aparecem, quando Jesus se recusa a comer, para dar a lição, a que já nos referimos, de como é preciso pôr antes e acima de tudo o cumprimento da vontade de Deus<sup>117</sup>. No cansaço de Jesus<sup>118</sup> está implícito o valor da laboriosidade e, nas suas palavras aos discípulos, aparecem dois valores que não queremos deixar de sublinhar: a visão ampla<sup>119</sup> e a valorização do trabalho que os outros fizeram<sup>120</sup>. Finalmente adverte-se o valor da disponibilidade na atitude de Jesus: ia de viagem para a Galileia, mas, perante o pedido dos samaritanos para ficar com eles, demorou-se ali dois dias<sup>121</sup>.

Na multiplicação dos pães, para além do valor da solidariedade, podemos ver como a abundância nunca pode levar ao esbanjamento, mas se concilia com o ser económico<sup>122</sup>, como é importante a modéstia para «fazer e desaparecer», o ter tempo para estar a sós e o saber retirar-se no momento oportuno<sup>123</sup>.

Mais adiante, nas polémicas em Jerusalém<sup>124</sup>, logo na introdução, fica patente o valor da independência e autonomia em face da pretensão dos seus familiares, bem como o valor de saber esperar o momento oportuno<sup>125</sup>. Nesta secção, é impressionante a imagem que

116. Jo 4, 6-7. Na nossa tradução, na Bíblia da Difusora Bíblica, valorizámos a partícula grega *oútôs* (sem mais), que sublinha a simplicidade do gesto de Jesus, que não se senta como um mestre, mas, ao sentar-se no chão, desce ao nível do interlocutor.

117. Jo 4, 31-33: «Entretanto, os discípulos insistiam com Ele, dizendo: “Rabi, come”. Mas Ele disse-lhes: “Eu tenho um alimento para comer, que vós não conheceis”. Então os discípulos começaram a dizer entre si: “Será que alguém lhe trouxe de comer?”».

118. Cfr. Jo 4, 6.

119. Jo 4, 35-36: «Não dizeis vós: “Mais quatro meses e vem a ceifa?” Pois Eu digo-vos: levantai os olhos e vede os campos que estão doirados para a ceifa. Já o ceifeiro recebe o seu salário e recolhe o fruto em ordem à vida eterna, de modo que se alegrem ao mesmo tempo aquele que semeia e o que ceifa».

120. Jo 4, 38: «Outros se cansaram a trabalhar, e vós ficastes com o proveito da sua fadiga».

121. Jo 4, 3-4.40-41.

122. Jo 6, 11-12: «Quando se saciaram, disse aos seus discípulos: “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca”».

123. Jo 6, 15: «Jesus, sabendo que viriam arrebatá-Lo para O fazerem rei, retirou-se de novo, sozinho, para o monte».

124. Jo 8-10.

125. Jo 7, 3-4.6: «Disseram-Lhe então os seus irmãos: “Vai para a Judeia, a fim de os teus discípulos verem as obras que fazes. Pois ninguém faz nada às escondidas, se pretende tornar-se conhecido. Se fazes coisas destas, mostra-Te ao mundo”. (...) “Para Mim ainda não chegou o momento oportuno”».

S. João nos dá da rica personalidade de Jesus a lutar em defesa da verdade, com toda a firmeza e energia e com a força da convicção de quem tem perfeita consciência da sua origem, da sua missão e do seu fim; a integridade e a verticalidade de Jesus sobressai no desafio lançado aos seus opositores —«*Quem de vós pode acusar-Me de pecado?*»<sup>126</sup>—, assim como a sua superior dignidade e profunda rectidão, critério e segurança: «*Eu honro o meu Pai, ao passo que vós Me injuriais. Eu não procuro a minha glória; há alguém que a procura e faz justiça*»<sup>127</sup>.

No capítulo 11, para além dos valores que atrás foram sublinhados, nomeadamente os da amizade, sensibilidade e compaixão, queremos ainda chamar a atenção para o valor de ser decidido, na sua decisão de actuar enfrentando as maiores dificuldades<sup>128</sup>, o valores da gratidão<sup>129</sup>, de pedir colaboração e de deixar fazer o que os outros podem fazer<sup>130</sup>.

Na ceia e no discurso de despedida, também queremos destacar o valor da humildade revelada no serviço humilde e humilhante de lavar os pés aos discípulos<sup>131</sup>, um gesto que nada tem de aviltamento ou abjecção, ao ser realizado com a dignidade de quem sabe «*perfeitamente que o Pai tudo Lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava*»<sup>132</sup>. Trata-se de um gesto, à maneira das acções simbólicas dos profetas, para pôr em evidência o valor do exemplo: «*Dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também*»<sup>133</sup>. Na traição de Judas, o Evangelista deixa ver uma série de valores na actuação de Jesus: a sua sensibilidade e a repugnância pela baixeza da

126. Jo 8, 46.

127. Jo 8, 49-50. Cfr. 10, 37: «Se não faço as obras do meu Pai, não creiais em Mim».

128. Jo 11, 8-9: «Disseram-Lhe os discípulos: “Rabi, há pouco os judeus procuravam apedrejar-Te, e Tu queres ir outra vez para lá?” Jesus respondeu: “Não tem doze horas o dia? Se alguém anda de dia, não tropeça, porque tem a luz deste mundo...”».

129. Jo 11, 41: «Pai, dou-Te graças por Me teres escutado».

130. Jo 11, 44: «Desligai-o e deixai-o andar».

131. Jo 13, 1-20. Como anota A. WIKENHAUSER, *El Evangelio según San Juan* (Herder, Barcelona 1967), 377, «Lavar os pés é considerado entre os hebreus um ofício de escravos (1 Sam 25, 41). Se a mãe de um rabino quer lavar os pés ao filho, como sinal de grande veneração, este não pode tolerar semelhante humilhação. Baseando-se em Lv 25, 39, os rabinos chegaram à conclusão de que um israelita não deve permitir que o seu escravo lhe lave os pés, se esse também é hebreu». Esta observação torna mais compreensível a reacção de Pedro (Jo 13, 6-8).

132. Jo 13, 3.

133. Jo 13, 15.

traição —«*perturbou-se interiormente*»<sup>134</sup>—, a reacção reflectida, o prudente aviso e a discrição na denúncia sem ofender o visado, mostrando autodomínio, equilíbrio e estabilidade de carácter, magnanimidade e mansidão<sup>135</sup>.

Finalmente, no relato joanino da Paixão destaca-se a dignidade de Jesus, no meio da mais cruenta e infamante humilhação, pois «*agora é que se revela a glória do Filho do Homem*»<sup>136</sup>. É notável a profunda visão teológica, inspirada no optimismo da fé, muito própria do IV Evangelho. Ela põe em relevo a serena majestade de Jesus, que caminha livremente para a Cruz como para um trono de glória e uma fonte de vida para os seus. Mesmo quando é esbofetado e feito rei de comédia, Ele aparece com toda a dignidade real que Lhe compete. É assim que «*Jesus, sabendo tudo o que Lhe ia acontecer, adiantou-se...*»<sup>137</sup> para se entregar aos inimigos. Ao ser preso, sobressai a sua serenidade e o esquecimento de si, com atenção e preocupação pelos outros: «*Se é a Mim que buscais, então deixai estes ir embora*»<sup>138</sup>. Perante Anás, não responde para dar explicações, pois este não parece disposto a ouvi-las; assim, revela força de carácter e, ao mesmo tempo, lealdade para com os seus seguidores, ao negar-se a fazer declarações que poderiam vir a comprometê-los<sup>139</sup>. Então, ao ser esbofetado por um vil criado, responde sem ódio, mas com a dignidade e gravidade de quem sente uma tão cobarde injustiça<sup>140</sup>. No tribunal de Pilatos, para responder, Jesus revela prudência<sup>141</sup> e também, mais uma vez, o

134. Jo 13, 21.

135. Jo 13, 27-28: «...“O que tens a fazer fá-lo depressa”. Nenhum dos que estavam com Ele à mesa entendeu com que fim lho dissera».

136. Jo 13, 31.

137. Jo 18, 4-5. Os Sinópticos apresentam Judas não apenas a servir de guia para o local, como em João, mas a dar o sinal do beijo, o que se justifica bem pelo facto de os soldados romanos não conhecerem Jesus. João não fala do beijo da traição para mostrar como é Jesus quem toma a iniciativa de se entregar livremente.

138. Jo 18, 8.

139. Jo 18, 19-21: «Então o Sumo Sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. Jesus respondeu-lhe: “Eu tenho falado abertamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se reúnem, e não disse nada em segredo. Porque Me interrogas? Interroga os que ouviram o que Eu lhes disse. Eles bem sabem do que Eu lhes falei”».

140. Jo 19, 23: «Jesus replicou: “Se falei mal, mostra onde está o mal; mas, se falei bem, por que Me bates?”».

141. Cfr. Jo 18, 28-19, 16. «Tu perguntas isso por ti mesmo, ou porque outros te disseram de Mim?» (18, 34). As razões para eliminarem Jesus eram de natureza religiosa, mas é denunciado à autoridade romana como um conspirador político: «*rei dos judeus*». A resposta de Jesus com uma pergunta (18, 34) não é um subterfúgio, mas

valor do silêncio perante a injustiça<sup>142</sup>, sendo apresentado pela redacção joanina mais como juiz do que como réu<sup>143</sup>. Cravado na cruz, sobressai a paciência de Jesus, ao não ser referido qualquer lamento, pois a própria expressão «*tenho sede*» não aparece como um queixume muito natural, mas antes como o revelar do cumprimento dum Salmo messiânico<sup>144</sup>. Também demonstra uma extrema piedade para com sua Mãe, ao confiá-la ao cuidado do Discípulo amado e um grande amor e reconhecimento ao discípulo dando-lhe a sua Mãe como sua<sup>145</sup>.

#### 4. CONCLUSÃO. VALORES DE TOPO NA REDACÇÃO JOANINA

Da leitura do texto evangélico joanino *prout iacet*, depreende-se um grande número de valores, tanto nas personagens que intervêm na narrativa, como nas palavras e nos gestos de Jesus. Uns valores são

um meio de esclarecer qual o ponto de vista para falar de Si como rei; descartado o ponto de vista pagão (v. 35), Jesus, que não podia negar a sua realeza, distancia-se igualmente da expectativa nacionalista judaica, afirmando o carácter transcendente da sua realeza, o que colocava a sua missão ao abrigo de qualquer suspeita: *não é deste mundo* (v. 36) e *visa manifestar a verdade* (v. 37).

142. Jo 19, 9: «Voltou a entrar no edifício da sede e perguntou a Jesus: “Donde és Tu?” Mas Jesus não lhe deu resposta».

143. Cfr. 19, 9: «Jesus não lhe deu resposta»; 19, 13: «Pilatos trouxe Jesus para fora e fê-lo sentar numa tribuna». Este texto permite outra tradução: «Pilatos *sentou-se*», mas a verdade é que a cena se passa no exterior do tribunal e não há sentença. Esta ambiguidade parece intencional, para exprimir que o prefeito romano só na aparência é que é juiz, pois o que ele faz é entronizar Jesus, que é quem faz o decisivo julgamento (cfr. 12, 31).

144. Jo 19, 28; Salm 22, 16: «A minha garganta secou-se como barro cozido e a minha língua pegou-se-me ao céu da boca».

145. Jo 19, 25-27. Repare-se na solenidade deste relato: é uma cena central entre as cinco passadas no Calvário; a Virgem Maria é mencionada 6 vezes nestes 3 versículos; há o recurso a uma fórmula solene de revelação (*ao ver... disse... eis...*). Isto deixa ver que não se trata dum simples gesto de piedade filial de Jesus para com sua Mãe para não a deixar ao desamparo, mas que o Evangelista lhe atribui um significado simbólico profundo: chegada a *hora* de Jesus, é a hora de Ela assumir (cfr. Jo 2, 4) o seu papel de nova Eva (cfr. Gn 3, 15) na obra redentora; por outro lado, Ela é a *mulher* que simboliza a Igreja (cfr. Apoc 12, 1-18), a mãe dos discípulos de Jesus representados no discípulo amado, que *a acolheu como coisa sua*. Na linha de alguns estudiosos (cfr. I. DE LA POTTERIE, *Das Wort Jesu «Siehe deine Mutter» und die Annahme der Mutter durch den Jünger (Jo 19, 27b)*, em J. GNILKA (ed.), *Neues Testament und Kirche*, homenagem a R. Schnackenburg [Freiburg in Brisgau 1974], 204-214), preferimos esta tradução à mais corrente: *acolheu-a em sua casa*, pois a expressão grega usada mais quatro vezes em S. João nunca aparece nele com esse sentido.

apresentados de modo formal e explícito pela redacção joanina. Outros, porém, estão implícitos nesta, mas não passam despercebidos ao leitor atento.

Parece-nos que são apresentados mais explicitamente os seguintes valores: o testemunho e a humildade<sup>146</sup>, a verdade, liberdade e justiça<sup>147</sup>, o amor, a unidade, a doação e entrega, e a obediência à vontade de Deus<sup>148</sup>, a paz e a alegria<sup>149</sup>.

Mas ao longo de todo o Evangelho podemos descobrir muitíssimos outros valores referidos de passagem que, embora não apareçam como directamente visados, revestem-se de grande importância. Já nas personagens referidas ao longo da narração encontramos enorme quantidade e riqueza de valores humanos, como: ter um projecto de si mesmo, a fidelidade, o vigor e a segurança, a clareza e a sinceridade, a humildade, a justiça, o ser igual a si mesmo, o carácter e a personalidade, a energia e o exemplo<sup>150</sup>; a disponibilidade, a generosidade e a decisão, a confiança, o entusiasmo juvenil e o ser alma de critério, a fé, a amizade e a confidência, o diálogo e a comunhão de bens, a franqueza, a decisão, o valor e a valentia, a fidelidade, a iniciativa, o desafiar riscos, a sensatez, o abandono seguro e confiado, o ter um sentido nobre para a vida, a capacidade de entregar a vida, o respeito e a veneração pelos superiores, a preocupação pelos outros, a prudência e a discricção, a rectidão nos juízos, o saber ouvir, a liberalidade magnânima<sup>151</sup>; a finura de alma e a atenção aos pormenores, a solicitude pelos problemas e necessidades dos outros, a intrepidez e o desvelo maternal, a audácia de ir até ao fim, a procura diligente e amorosa, a delicadeza no amor<sup>152</sup>. Todos estes valores que se revelam nas pessoas que de mais perto seguiram Jesus ficam como uma referência para quantos ao longo dos tempos O haverão de seguir.

Mas é sobretudo em Jesus que se revelam valores, valores que deverão ser assimilados pelos discípulos, nomeadamente aqueles que de futuro «*hãõ-de crer por meio da palavra*»<sup>153</sup>, para os quais Jesus é o

146. Cfr. *supra*, nº 2.1.

147. Cfr. *supra*, nº 3.1.

148. Cfr. *supra*, nº 3.2.

149. Cfr. *supra*, nº 3.3.

150. Cfr. *supra*, nº 2.1.

151. Cfr. *supra*, nº 2.2.

152. Cfr. *supra*, nº 2.3.

153. Cfr. Jo 17, 20.

paradigma<sup>154</sup>. E, como vimos acima, os valores com que Jesus nos aparece em S. João, para além daqueles que encontramos como directamente visados —a verdade e a unidade, o amor, doação e entrega, a paz e a alegria, a liberdade e a obediência à vontade de Deus—, são todo um cortejo digno de nota os seguintes: a firmeza nas convicções e a autoconsciência da sua própria origem e missão, a misericórdia, a tolerância e o perdão, a não exclusão, a condescendência e a intransigência, a sensibilidade perante o mal e a injustiça<sup>155</sup>; a amizade e a ternura, a par da intrepidez e denodo<sup>156</sup>; a naturalidade, o convite ao seguimento dum ideal, o saber inspirar confiança e entusiasmo juvenil, a autoridade moral, o saber abrir horizontes e criar uma expectativa feliz<sup>157</sup>; o zelo e a pedagogia dos gestos, a simplicidade e o descer ao nível do interlocutor, a disponibilidade, a moderação, temperança e austeridade, a visão ampla, a laboriosidade e a valorização do trabalho dos outros; a solidariedade, a modéstia, o estar a sós e o retirar-se no tempo oportuno; a independência e a autonomia, a integridade e a verticalidade, a dignidade, a rectidão, o ter critério, segurança e decisão na missão a cumprir, a gratidão, o pedir e aceitar colaboração; o espírito de serviço e o dar exemplo, o aviso e a discrição, o autodomínio, equilíbrio e estabilidade de carácter, a magnanimidade e a mansidão; o optimismo, a serenidade, o esquecimento de si próprio e a preocupação pelos outros, a força de carácter e a lealdade, a dignidade, a prudência, o silêncio e a paciência, a piedade filial<sup>158</sup>.

Em face de tão grande riqueza de valores, pergunta-se: poderemos nós hierarquizá-los segundo alguma escala? Verificámos que se torna muito difícil tirar conclusões seguras, pois todos estes valores se situam entre os que a Axiologia em geral considera os mais elevados e universalmente válidos, devido à circunstância de se tratar de valores morais e religiosos<sup>159</sup>. Estamos, pois, no IV Evangelho, em face de valores de topo. Mas não se trata agora de que sejamos nós a

154. Cfr. Jo 13, 15: «Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, vós façais também».

155. Cfr. *supra*, nº 3.1.

156. Cfr. *supra*, nº 3.2.

157. Cfr. *supra*, nº 3.4.

158. Cfr. *supra*, nº 3.5.

159. N. LAZURE, *Les valeurs morales de la théologie johannique* (Gabalda, Paris 1965), considera que em S. João se deve mesmo falar preferentemente de «valores morais», mais do que de «moral», ou «ética». Já Max SCHELER, ao tratar da hierarquia de valores, considerava que no topo da escala de valores estão os valores morais e religiosos: *Ética*, t. 1 (Revista de Occidente, Madrid 1941), 129s.



tentar fazer a nossa graduação, de acordo com o nosso próprio critério, ou com critérios mais ou menos objetivos.

Prendemos, acima de tudo, averiguar se é possível descobrir na redacção joanina qualquer tipo de graduação, ou de proposta de uma escala ou hierarquia de valores, entre aqueles que aparecem como mais ou menos explicitamente insinuados pelo Evangelista. Como resultado da nossa pesquisa, pode ver-se que aparecem no topo da redacção joanina aqueles valores que já nomeámos como apresentados de um modo mais formal e explícito. Entre estes consideramos que estão em primeiro lugar a «verdade» e o «amor», numa interessante correspondência com os transcendentais da filosofia escolástica, o uno, o verdadeiro e o bom. Ora, se o «valor» não é mais do que o próprio «ser», enquanto diz relação a outro que o pode apetecer<sup>160</sup>, à hora de determinar qual o «valor de topo» em S. João, o que temos de saber é qual é a coisa que se apresenta como sendo a mais apetecida por Jesus.

Pelo estudo realizado, consideramos que aquilo por que Jesus se determina mais explicitamente como sendo o sentido para a sua vida e para a sua morte é o cumprimento da vontade do Pai, numa atitude de perfeita obediência. E esta obediência não é uma simples conformidade e união com a vontade do Pai, mas é muito mais; no dizer de C. Spicq, é «uma necessidade vital que corresponde a uma necessidade moral e psicológica irremovível que se torna assim a única fonte do seu pensamento, dos seus próprios actos de querer e de cada uma das suas acções»<sup>161</sup>. Assim, a obediência de Jesus à vontade do Pai, como valor supremo em S. João, tem o mérito de nos transportar à consideração da profundidade do mistério do próprio ser divino de Jesus<sup>162</sup>.

160. Cfr. J. FRAGATA, *a. c.*, 31.

161. C. SPICQ, *Dieu et l'Homme selon le N. T.* (Cerf, Paris 1961), 67.

162. Cfr. G. MORUJÃO, *o. c.*, 125; cfr. tb. W. KASPER, *Jésus le Christ* (Cerf, Paris 1977), 164: «Par son obéissance radicale, Jésus manifesta-t-il radicalement son origine divine et son appartenance à Dieu».